

## RECEPÇÃO DO CONCEITO DE INDEXICALIDADE EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS BRASILEIROS

Guilherme de Moura CUNHA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo examina a recepção do conceito de indexicalidade por comunidades científicas de linguistas brasileiros/as. Definida por Silverstein (1976; 1993; 2003), a indexicalidade é entendida no interior de estudos socioantropológicos da linguagem como a propriedade de o signo linguístico apontar a contextos. O foco de análise, portanto, está em assinalar de que maneira este conceito é recuperado por pesquisas realizadas no Brasil e quais são as interpretações mobilizadas de acordo com as particularidades teóricas, temáticas e metodológicas. Para tanto, foram selecionados 49 artigos científicos em periódicos avaliados por pares, capturados nas bases bibliográficas *SciELO* e *Periódicos Capes*, que trazem o conceito para discussão. Os dados indicam, de modo geral, a abertura inicial por pesquisas interessadas no uso linguístico e o resgate de outras interpretações do pensamento de Michael Silverstein, para além das fronteiras disciplinares, como as leituras de Wortham (2001), Eckert (2008), Povinelli (2016) e Blommaert (2010).

**Palavras-chave:** indexicalidade; formação de conceito; linguística.

**Abstract:** This article examines the reception process of the concept of indexicality by linguistic-scientific community in Brazil. Defined by Silverstein (1976; 1993; 2003), *indexicality* is understood in socioanthropological studies on language as a property of a linguistic sign pointing to contexts. Thus, the focus of analysis is to mark how this concept is used by researches done in Brazil and what are the interpretations according to theoretical, thematic and methodological particularities. For that, we selected 49 scientific articles published by peer-reviewed academic journal, taken from bibliographic database *SciELO* and *Periódicos Capes*. They indicate the openness by interested researches in language use and the application of other interpretations of Silverstein's theory, beyond the disciplinary boundaries, like as Wortham (2001), Eckert (2008), Povinelli (2016) e Blommaert (2010).

**Keywords:** indexicality; concept formation; linguistics.

### Introdução

Em diferentes perspectivas dos estudos da linguagem, o problema da significação, de como formas linguísticas significam, é questionado em maior ou menor grau. No interior das comunidades científicas, diferentes teorias são desenvolvidas para procurar responder às perguntas em torno desse problema, e conceitos são apresentados para descrever determinado fenômeno de linguagem, das distinções mínimas fonéticas às situações reais de uso. O conceito de indexicalidade, por exemplo, é desenvolvido tendo

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras: Português pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: [houveraguilherme@gmail.com](mailto:houveraguilherme@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8712-2611>

como foco o contexto, isto é, assume-se que os signos linguísticos só podem ser interpretados na sua própria realização, pois estão sempre ancorados ao contexto-de-ocorrência, ao local onde ocorrem, e, dessa maneira, toda a linguagem passa a ser compreendida como inerentemente indexical.

Baseado na noção de índice (PEIRCE, 2005) e de dêixis (HANKS, 2008), principalmente, *indexicalidade* é assim definida por Silverstein (1976; 1993; 2003) como uma propriedade que explica, em alguma medida, o funcionamento semiótico da linguagem. A argumentação de Michael Silverstein depara-se com o interesse em descrever fenômenos linguísticos pela práxis, ou seja, a ação humana como centro das práticas culturais estabelecidas pela linguagem. Aqui, a proposta consiste em apreender como o conceito delimitado nessa teoria é recebido por cientistas brasileiros/as nos últimos vinte anos, buscando assinalar quais leituras são feitas e quais são as particularidades teóricas, temáticas e metodológicas das pesquisas realizadas.

A princípio, este artigo apresenta, em linhas gerais, como se deu a virada pragmática, que reconfigura os estudos sobre uso linguístico e coloca a ação como ponto de partida para entendimento dos eventos de linguagem, postura que dá espaço para o desenvolvimento do conceito de indexicalidade. Em seguida, os artigos selecionados são postos para análise a fim de debater como o termo em destaque é apreendido pela linguística feita no Brasil.

### **Atos de fala e o local da indexicalidade**

A virada pragmática redimensiona os estudos linguísticos por uma reação à tradição do positivismo lógico, que observa a linguagem como representação da realidade, passível de ser analisada por estruturas lógico-matemáticas e suas condições de verdade (OTTONI, 1998; PINTO, 2016). A sistematização da língua por modelos homogêneos, idealizados e universais passa a ser questionada por estudos que direcionam o olhar à linguagem comum, quando a análise do uso linguístico em situações reais já não se sustenta apenas na descrição de uma sintaxe e semântica formais. No centro desses questionamentos, dentre outros nomes, John Langshaw Austin, da escola de Oxford, é um dos filósofos que mais se destaca nesse movimento, ao procurar compreender o que se faz ao dizer.

Resulta daí a teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1990), que considera, antes de tudo, a linguagem como forma de ação, como meio de criar, mobilizar, desenvolver e transformar o mundo. Com o rompimento da antítese performativo-constativo, no decorrer da argumentação austiniana, as condições de verdade, definidas pelo modelo lógico, são substituídas pelas condições de sucesso e felicidade. Esse novo paradigma, em outras palavras, considera o ato de fala como “unidade básica de significação” (OTTONI, 1998, p. 32), e o performativo é a própria realização deste ato na dimensão pragmática em que opera.

A agitação filosófica em torno da linguagem ordinária e do uso linguístico não se isola, porém, num campo disciplinar e fronteiro da filosofia da linguagem. A teoria dos atos de fala e o dilema do performativo, levantados inicialmente nas conferências de Austin, expandem-se para outras leituras a partir de diferentes perspectivas. Nas ciências da linguagem, como expõe Pinto (2012, p. 69), “os atos de fala são hoje fonte inesgotável de trabalhos na área da Pragmática, mas também na Linguística em geral” e, nesse sentido, cabe pensar como são desenvolvidos estes trabalhos, a partir de quais desdobramentos, métodos e conceitos. Para tanto, é preciso definir inicialmente o que se chama e o que se delimita como pragmática, campo que recebe da filosofia austiniana e

de seus inúmeros sucessores contribuições para observar e interpretar as práticas de linguagem.

De modo geral, pode-se compreender a pragmática como a ciência do uso linguístico, que “analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática linguística; e, de outro lado, estuda as condições que governam essa prática” (PINTO, 2012, p. 55). Ao assumir a responsabilidade de estudar o uso a partir de situações concretas por falantes reais que interagem – agem com a linguagem –, essa área encontra uma vasta multiplicidade de materiais, os quais desafiam linguistas a analisá-los estabelecendo métodos de pesquisa que dão conta de compreender como determinado uso se efetiva. De modo complementar, na definição de Armengaud (2006, p. 61), a pragmática é entendida como o campo que “estuda os atos de fala e os contextos em que eles se realizam”. Aqui, a autora centraliza a ideia de contexto, fundamental para o desenvolvimento de estudos e pesquisas interessados no uso e nos/as usuários/as.

O problema do contexto está conectado ao dilema do performativo, principalmente no desejo de reconstruir o cenário mais próximo do real no momento de analisar a realização dos atos de fala. Bauman e Briggs (2006, p. 201) advertem sobre a impossibilidade de apreender todos os aspectos constituintes do contexto e assinalam como alternativa para os estudos de performance priorizar o processo antes do produto, isto é, a contextualização, que “envolve um processo ativo de negociação no qual participantes examinam reflexivamente o discurso em sua emergência, inserindo avaliações sobre sua estrutura e significado na própria fala”. O descentramento e recentramento do discurso no movimento dos textos é apontado, portanto, como meio para capturar acessos, reivindicações e valores “culturalmente construídos, socialmente constituídos e sustentados por ideologias” (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 211).

No entanto, o que possibilita esse resgate, a prática contínua e inter-relacional de entextualização, descontextualização e recontextualização, é a propriedade dos signos de apontar a determinado contexto: a indexicalidade (SILVERSTEIN, 1976; 1993; 2003) ou, nos termos de Bauman e Briggs (2006, p. 200), os “indicadores de contextualização”, aqueles que “sinalizam quais elementos do cenário são usados pelos participantes na interação para produzir os enquadres interpretativos”.

O conceito de indexicalidade, porém, remonta a estudos anteriores à filosofia da linguagem ordinária e à preocupação da linguagem na vida social, como apontado acima. Para compreender como se define após a virada pragmática, é preciso recuperar alguns quadros teóricos prévios que questionam o processo semiótico – de significação – dos signos.

### **Teoria da dêixis: origem e crítica**

Antes de situar alguns construtos teóricos prévios à incorporação plena do campo pragmático aos estudos da linguagem, vale a pena distinguir dois termos: *dêixis* e *indexicalidade*. Levinson (2006, p. 2) salienta que ambos se diferenciam apenas pelo campo epistemológico de que se derivam: estão “associados às abordagens linguística e filosófica respectivamente”<sup>2</sup>. Ou seja, ao passo que o conceito de indexicalidade tem sua origem no campo da filosofia da linguagem – e, por essa razão, é o foco de análise deste trabalho –, a noção de dêixis é contornada pela tradição da linguística moderna, desenvolvida na primeira metade do século XX, como se observa a seguir.

<sup>2</sup> No original: “[they] have become associated with linguistic and philosophical approaches respectively”, tradução de nossa responsabilidade.

Essa questão já se apresenta, embora indiretamente, na noção saussuriana de valor. Creditado na historiografia como o fundador da ciência linguística, Saussure (2012, p. 160) ilustra a metáfora do xadrez para propor que os signos – em comparação às peças – não têm valor senão no funcionamento próprio no interior do jogo. Isoladamente, tanto os signos linguísticos como as peças de xadrez não têm função e, dessa maneira, “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso”, baseados em oposições fônicas e conceituais. Na esteira da língua como sistema homogêneo e compartilhado de forma ideal, a acepção saussuriana entende que o valor de um signo é captado no sentido intralinguístico, dentro das fronteiras da estrutura, por uma “rede de distribuições sintagmáticas e contrastes paradigmáticos”<sup>3</sup> (SILVERSTEIN, 2003, p. 195). A teoria saussuriana, portanto, não chega a discorrer sobre uma teoria da dêixis, mas o conceito de valor e sua apreensão por relações de oposição retornam em quadros teóricos de diferentes perspectivas.

É o caso de Benveniste (2006), ainda na base estruturalista, que revisita as dicotomias saussurianas dando destaque agora à intersubjetividade, isto é, à constituição do sujeito na e pela linguagem. Na descrição do aparelho formal, define-se enunciação como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82), e as formas utilizadas nesse processo servem para posicionar o enunciador em seu ato de apropriação. O destaque da argumentação de Benveniste (2006, p. 84) está na demarcação de “índices de pessoa, [...] índices de ostensão [e] formas temporais”, ou seja, formas como *eu, tu, este, aqui e agora*, que possuem uma referência interna, definida exclusivamente no momento da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo, assim definidas, são expressas por formas que enfatizam a relação discursiva entre o enunciador e a enunciação e legitimam a emergência do sujeito por meio do aparelho formal da enunciação.

Nos dois casos acima, a noção de dêixis, *ipsis litteris*, ainda não estava bem delimitada. Porém, ainda na primeira metade do século XX, Karl Bühler define o contexto da fala pela seguinte divisão: “[d]o *Symbolfeld* (o campo simbólico), composto por palavras, outros signos e os conceitos que eles representam; [...] e [d]o *Zeigfeld* (campo demonstrativo), o presente experiencial da produção de enunciados, denomin[ado] aqui-agora-eu” (HANKS, 2008, p. 151). A proposta bühleriana consiste em imaginar a linguagem através de campos interligados: o simbólico agrupa as relações biunívocas entre o signo e o que representa ou simboliza, e o demonstrativo trata do cenário imediato descrito por marcações de orientação. Pertence ao *Zeigfeld*, portanto, a dêixis, capaz de direcionar “a atenção subjetiva dos interactantes [...] com uma percepção de seus próprios corpos, integrando informações sensoriais da visão, da audição e do tato” (HANKS, 2008, p. 152). A argumentação de Bühler considera a dêixis como um conjunto de coordenadas que surgem no momento da enunciação, e seu significado é recuperado apenas por meio delas mesmas, não só no uso de expressões referenciais, mas também na postura, na entoação e nos gestos.

Ao ecoar o conceito de campo em Bourdieu, Hanks (2008, p. 150) faz um percurso crítico do que denomina campo dêítico, relacionando-se a três fontes sobre as quais os estudos da linguagem se debruçam. Duas delas fazem referência às teorias descritas acima: uma é a incorporação do campo dêítico ao campo semântico; outra, do campo dêítico ao campo demonstrativo, ao *Zeigfeld*. Esta primeira advém da linguística padrão, que procura incessantemente delimitar a relação entre as expressões e seu significado coerente — imagem acústica e conceito, na dicotomia saussuriana, e enunciado e

<sup>3</sup> No original: “network of syntagmatic distributions and paradigmatic contrast”, tradução de nossa responsabilidade.

enunciação, na teoria benvenistiana —, por oposições de natureza formal e bem delimitadas. A segunda fonte diz respeito à teoria da dêixis Bühleriana, à bipartição *Zeigfeld-Symbolfeld*, que observa o construto local, confinado ao imediatismo da interação, e as orientações deixadas pelo falante servem para reconstruir o cenário daquele momento em específico.

Por outro lado, a terceira fonte não é explicada a partir de modelos formais e homogêneos, como recorta a linguística padrão, nem apenas nos limites microcontextuais do demonstrativo. Aqui, o campo dêitico está relacionado à teoria da prática social, que retoma a linguagem como ação, “a fala como ação social” (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 195). Por meio da junção dessas três perspectivas, é possível chegar a uma definição mais ou menos estável do que se intitula campo dêitico: “é composto por a) as posições dos agentes comunicativos relativamente aos enquadres de participação que eles ocupam [...], b) as posições ocupadas pelos objetos de referência; [e] c) as múltiplas dimensões por meio dos quais os agentes têm acesso às posições” (HANKS, 2008, p. 153). Esse movimento é orientado, dessa forma, por quadros teóricos distintos, tratados com mais detalhes na subseção a seguir.

### **Indexicalidade e a dimensão pragmática**

Como já apresentado na argumentação de Bauman e Briggs (2006), Hanks (2008, p. 149) também considera relevante observar o fenômeno da indexicalidade (ou da dêixis, como prefere definir): “a dêixis ocupa uma posição central no estudo do contexto porque ela é a forma simples mais óbvia em que o cenário da produção discursiva é incorporado à própria estrutura da língua”. Essa afirmação distancia-se das posturas formalistas e estruturalistas e aproxima-se da visão performativa da linguagem, na medida em que pensa a realização dos atos de fala pela transformação do discurso em texto num determinado cenário/contexto, possível pelo caráter indexical intrínseco da/à linguagem.

O conceito de indexicalidade remonta à semiótica de Peirce (2005), na qual o índice é compreendido como o signo que estabelece uma relação de contiguidade com o objeto real a que se refere. Esse termo é recuperado por teóricos da ciência linguística e, especialmente, por aqueles que dialogam com a filosofia da linguagem. Assim, a teoria dos atos de fala é relida por uma série de estudiosos, que também questionam o emprego das formas num campo para além da estrutura formal, numa abordagem mais ampla da teoria da prática social (HANKS, 2008), da antropologia da linguagem, da sociolinguística e dos estudos culturais (SILVERSTEIN, 2003; BLOMMAERT, 2010).

São inúmeros os/as pesquisadores/as que se interessam em depreender o que os falantes fazem ao dizer, a mesma preocupação expressa por Austin (1990), e, para tanto, procuram resgatar o contexto – ou alguns aspectos do contexto – pelos processos de contextualização, ancorados na propriedade dos signos definida como indexicalidade. A definição destes termos apresenta-se em tais pesquisas de modo tão variável quanto as práticas observáveis. Por essa razão, destaca-se alguns nomes relevantes, de maior repercussão, em estudos de performance para compreender como esse conceito é entendido.

Silverstein (2003, p. 193) apresenta a “‘ordem indexical’ [como] o conceito necessário para mostrar como relacionar os enquadres do microsocial ao macrosocial na análise de qualquer fenômeno sociolinguístico”<sup>4</sup>. No centro desse projeto

---

<sup>4</sup> No original: “‘indexical order’ is the concept necessary to showing us how to relate the micro-social to the macro-social frames of analysis of any sociolinguistic phenomenon”, tradução de nossa responsabilidade.

antropológico de entendimento da linguagem, os modos e graus de reconhecimento – a metapragmática – de uma ordem indexical dependem da interpretação cultural das formas motivadas na própria realização dos atos de fala, na medida em que apontam para os contextos micro e macro. Essas formas são concorrentes entre si com valores potencialmente indiciados de acordo com o contexto, com o “grau de intensidade de ideologização”, percebidas da seguinte maneira (SILVERSTEIN, 2003, p. 194): a) as ordens indexicais  $n$  e  $n+1$  estão em competição dialética, em concorrência; b) a atuação de uma força resultante, pela uniformidade e intensidade, indica o macrossocial; e c) forças vetoriais, pelas formas linguísticas, atuam no microssocial.

A síntese dessa teoria é apreendida pela “relação crítica entre a operação microcontextual da ordem indexical e a operação semiótica do enquadre macrossocial, no qual a indexicalidade é legitimada ou autorizada por estruturas processuais de naturalização ritualizada”<sup>5</sup> (SILVERSTEIN, 2003, p. 204). No decorrer de sua argumentação, está o interesse em descrever como um conjunto de ideologias articulando valores culturais constituem (-se em) metapragmáticas que orientam as estruturas em contextos-de-ocorrência. Essa orientação permite ao/à linguista partir do micro ao macrocontextual e encontrar categorias habitáveis de identidade e locais sociais com valores associados a naturalizações e autorizados por práticas rituais situadas no espaço-tempo. A contribuição do trabalho de Silverstein (2003) pode ser resumida pela importância conferida à mediação cultural e metapragmática numa estrutura dialética, em detrimento dos modelos formais e estatísticos:

Uma análise indexical explicativa, em oposição a uma incompleta ou inadequada, deve levar em conta a plenitude dialética da indexicalidade no microcontexto em tempo real, e se situar em relação à natureza dupla do uso linguístico, sempre pela 'pragmática', i.e., pressuposição/implicação indexical, e pela metapragmática, i.e., em particular, ideologicamente carregada. Por essa perspectiva, a realidade sociocultural manifestada na e pela interação discursiva torna-se analiticamente visível, um fato semiótico imanente<sup>6</sup> (SILVERSTEIN, 2003, p. 227).

A indexicalidade como propriedade dos signos de apontar para contextos de ordem micro e macro e a metapragmática como orientação dessas formas e de seu contexto-de-ocorrência apresentam-se como produtivos na pesquisa linguística. Ao revisitar a teoria de Silverstein, Povinelli (2016, p. 210) afirma que a “indexicalidade [...] entra em jogo para dar, se assim se pode dizer, um tipo de bússola, uma orientação de continuidade no espaço-tempo, religando as situações, as frases, os textos e as interlocuções face a face”. A função metapragmática da língua confere aos seus usuários

<sup>5</sup> No original: “critical link between the micro-contextual operation of indexical order and the semiotic operation of a macro-social framework in which indexicality is licensed or authorized by processual structures of baptismal essentialization”, tradução de nossa responsabilidade.

<sup>6</sup> No original: “An illuminating indexical analysis, as opposed to an incomplete or inadequate one, has to take account of the dialectical plenitude of indexicality in micro-contextual realtime, and has to situate itself with respect to the duplex quality of language use, always already both pragmatic, i.e., presuppositionally/entailingly indexical, and metapragmatic, i.e., in particular, ideologically informed. From such a perspective, the sociocultural reality manifested in-and-by discursive interaction becomes analytically visible, an immanent semiotic fact”, tradução de nossa responsabilidade.

os meios necessários para indiciar contextos por meio dos signos, e esses recursos são acessados em diferentes graus e níveis.

Essa variação no acesso e no modo como as formas indiciam é questionada por Blommaert (2010) nas mudanças emergentes no uso linguístico com a globalização. Para ele, diversas teorias tratam a linguagem a partir da perspectiva de uma vila, de uma comunidade fechada, mas, com o afrouxamento dessas fronteiras, o mundo linguístico globalizado rompe os limites, exigindo mudanças teóricas. Em razão dessa complexidade, surge a necessidade de examinar e entender o impacto desses recursos móveis de redes, fluxos e movimentos na linguagem. Assim, surge o conceito de “ordens de indexicalidade”<sup>7</sup> (BLOMMAERT, 2010, p. 33). À medida que a indexicalidade refere-se a “registros, [...] categorias sociais, emblemas semióticos reconhecíveis para grupos e indivíduos”<sup>8</sup>, as ordens de indexicalidade referem-se a como essas categorias estão ordenadas em hierarquias de valores, crenças e normas (BLOMMAERT, 2010, p. 37) e operam dentro de grandes complexos estratificados, nos quais algumas formas de semiose são sistematicamente percebidas como mais valiosas que outras, sujeitas a regras de acesso, regulamentação e circulação.

Com a delimitação apresentada aqui, são levantadas as seguintes questões principais: a) como os/as pesquisadores/as brasileiros/as encaram o problema da indexicalidade? b) que novas abordagens conferem ao conceito? e c) em que contextos/quais processos de contextualização são evocados nas pesquisas? Procura-se transparecer as respostas a essas perguntas nas seções seguintes, tendo em mente o percurso do conceito de indexicalidade descrito, principalmente nas interpretações de Silverstein (2003), Povinelli (2016) e Blommaert (2010) e no redimensionamento dos estudos de performance, a “nova ênfase” apontada por Bauman e Briggs (2006).

## Metodologia

Após a virada pragmática descrita anteriormente, os estudos linguísticos passaram a contemplar também o uso como foco de análise dos fenômenos que orientam, engendram e movimentam as diversas práticas linguísticas, trazendo à tona questionamentos sobre o que falantes reais fazem e como (re)agem e se constituem na e pela linguagem. Conceitos como ato de fala, metapragmática, contexto, entre outros são desenvolvidos com destaque nesse tipo de pesquisa. Aqui, procura-se fazer uma revisão bibliográfica de como um destes conceitos – a indexicalidade – é interpretado por linguistas no Brasil e em que medida é mobilizada em trabalhos acadêmicos, em especial no gênero artigo em periódico científico.

O artigo é escolhido como fonte-base de análise por ser, nas palavras de Secaf (2004), um parâmetro do momento em que se situa determinado conteúdo da ciência, além de divulgar aos pares as teorias, as questões e as lacunas daquele campo. Graças à difusão da redação científica, torna-se possível questionar como a indexicalidade é conceituada em estudos produzidos pela comunidade de linguistas no Brasil. A circulação em meio eletrônico é mais um facilitador na pesquisa aqui delimitada: o acesso à informação passa a ser mais amplo com a divulgação desses textos em rede, seguido pela indexação e catalogação em bases de dados bibliográficas.

As bases agrupam uma série de periódicos e permitem ao/à pesquisador/a coletar materiais de acordo com critérios refinados de busca. Para o levantamento do *corpus* desta

<sup>7</sup> No original: “orders of indexicality”, tradução de nossa responsabilidade.

<sup>8</sup> No original: “registers, [...] social categories, recognizable semiotic emblems for groups and individuals”, tradução de nossa responsabilidade.

pesquisa, são utilizadas duas bases: o *Portal de Periódicos Capes* e o *SciELO*. Em ambas as plataformas, a seleção é orientada pelas seguintes palavras-chave: “indexicalidade”, “ordem indexical”, “forma indexical”, “campo indexical”, “indicialidade”, “ordem indicial”, “forma indicial”, “campo indicial” e suas respectivas flexões no plural. Como o termo também é abordado por outras áreas, como o design gráfico e a comunicação social, com outras acepções e aplicações, dos resultados obtidos, foram analisados apenas aqueles do campo da linguística.

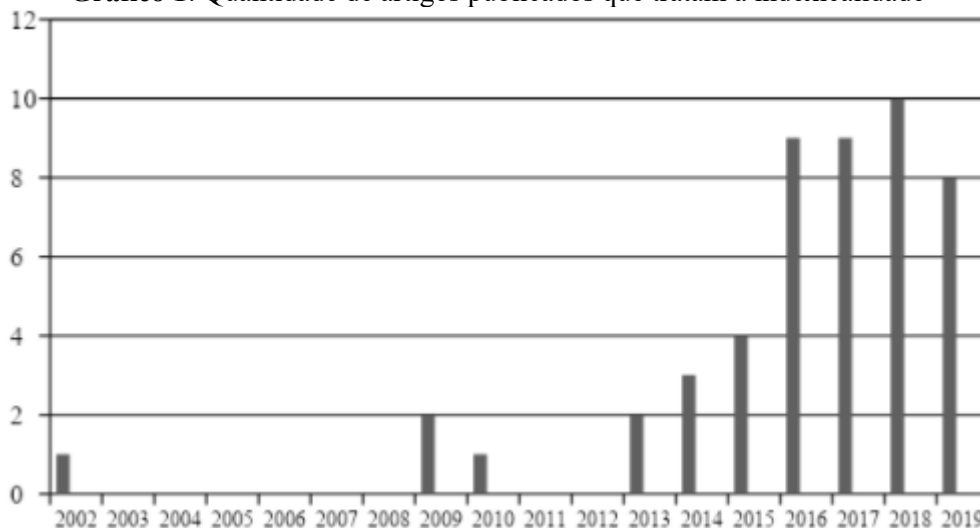
Partindo-se desse exercício, para delimitar quais artigos seriam escolhidos para análise, foi definido que apenas textos em periódicos nacionais e de autoria de pesquisadores/as atuantes no Brasil seriam levados em consideração. A respeito do período em que foram publicados, restringe-se de 2000 a 2019. Além do crescimento de periódicos eletrônicos nesse recorte temporal, essa escolha também se justifica, por um lado, pelo interesse emergente por uma linguística crítica (MUNIZ, 2016), impulsionado pelas contribuições da pragmática, da filosofia da linguagem e da antropologia linguística, e, por outro, pela publicação de *Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life*, em 2003, por Michael Silverstein, artigo de ampla repercussão, que teoriza sobre indexicalidade.

Os critérios estabelecidos resultaram em 49 artigos, que compõem o *corpus* da pesquisa (*ver anexo*). Com essa definição, é realizado um trabalho de dupla face: primeiramente, de abordagem quantitativa; em seguida, qualitativa. A primeira etapa consiste em enumerar os artigos de acordo com o ano de publicação, autoria, instituições a que se vinculam e tipo de estudo feito. Em seguida, a segunda etapa direciona-se à leitura e à apreensão de como o termo “indexicalidade” é usado nesses trabalhos, com vistas à interpretação do/a linguista sobre como esse apontamento indicial ocorre. A partir desse olhar misto, desenvolve-se um percurso diacrônico em torno do reconhecimento da indexicalidade e sua teorização pela comunidade científica brasileira.

### **Recepção do conceito de indexicalidade no Brasil**

De acordo com o levantamento dos artigos nas bases de dados *Periódicos Capes* e *SciELO*, conforme detalhado na seção metodológica, dos 49 textos que trazem o conceito de indexicalidade, seja como foco de análise, seja como breve discussão, é possível perceber uma produção discreta nos primeiros anos, que se intensifica na segunda metade da década de 2010. Como exposto no Gráfico 1 a seguir, quase três quartos – 36 artigos ( $\approx 73,47\%$ ) –, dos trabalhos científicos que abordam o termo em alguma medida foram publicados entre 2016 e 2019.



**Gráfico 1:** Quantidade de artigos publicados que tratam a indexicalidade

Fonte: Elaboração própria

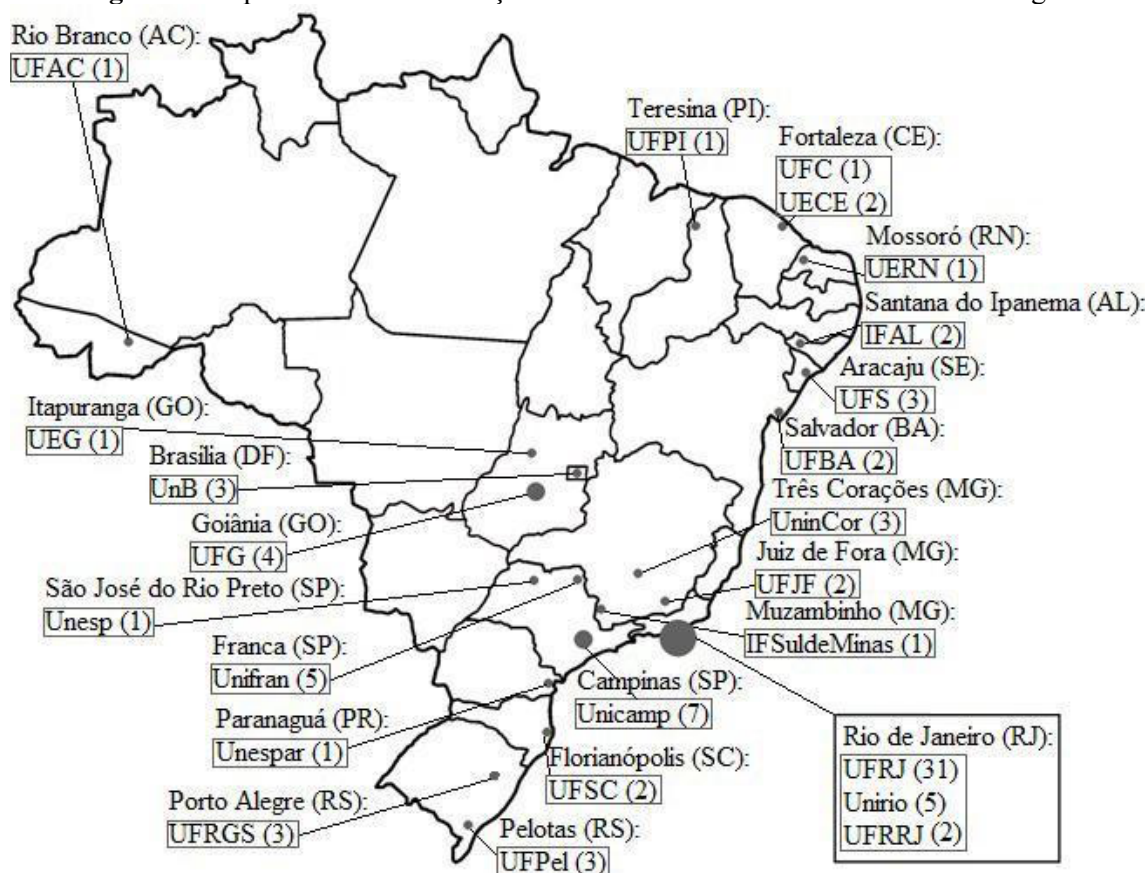
O Gráfico 1 ilustra dois momentos que aparentam ser bem distintos: a) os artigos publicados entre 2002 e 2015; e b) os artigos publicados entre 2016 e 2019. No primeiro momento, percebe-se diversos anos em que não há nenhuma publicação que satisfaça os critérios acordados anteriormente. Apesar disso, o trabalho pioneiro de Inês Signorini e Marilda Cavalcanti (SIGNORINI, 2002; SIGNORINI; CAVALCANTI, 2010), ambas da Unicamp, e de Luiz Paulo da Moita Lopes (MOITA LOPES, 2009; MELO; MOITA LOPES, 2013; 2014a; 2014b), da UFRJ, é influente. Até 2013, porém, com exceção da discussão teórica de Pontes (2009), o conceito de indexicalidade foi pouco explorado, relacionado, em linhas gerais, apenas à ideia de hierarquização das formas linguísticas e ao posicionamento dos sujeitos a partir de pistas semióticas.

A partir de 2015, no segundo momento, a quantidade de artigos publicados anualmente torna-se mais considerável, chegando a dez em 2018. Com isso, outros/as linguistas passam a se interessar por este conceito e trazê-lo em suas pesquisas. Esse resgate permite que façam suas próprias leituras acerca do que compreendem por indexicalidade e as manifestem considerando as especificidades dos materiais empíricos sob análise. A diversidade temática e metodológica, portanto, intensifica-se nos últimos anos, ampliando, como se verá a seguir, diálogos com outros conceitos, teorias e áreas afins.

A partir desse breve percurso temporal, observa-se a expansão do conceito de indexicalidade principalmente no interior de discussões sobre uso de linguagem. Na ciência linguística, a pragmática, como já apresentado, é considerada o campo responsável por analisar esse tipo de fenômeno. Rajagopalan (1999, p. 334), ao discutir a constituição desse campo no Brasil, problematiza as fronteiras institucionais da ciência e, neste caso, em especial, assinala a pragmática como “ponte para estabelecer diálogos frutíferos com as disciplinas conexas”, por exemplo, a linguística aplicada, por estarem “voltada[s] às questões de interesse social”. A convergência descrita entre campos afins é retomada novamente por Rajagopalan (2002, p. 95) ao argumentar sobre as particularidades e os compromissos de se pesquisar em pragmática, revelando sê-la “cada vez mais apta a se integrar na luta social”, principalmente por investigar o funcionamento da linguagem na dinâmica em que se insere usuários reais que agem sobre e transformam a realidade.

Antes de destrinchar de que forma o conceito de indexicalidade é interpretado nos artigos selecionados, inclusive tendo como panorama a especificidade da pesquisa em pragmática, observar quais linguistas compõem essa comunidade científica abre espaço para debater como essa noção é expandida. Esse exercício prévio acompanha o pensamento de Kuhn (2006, p. 228), em que “após isolar uma comunidade particular de especialistas [...] valeria a pena perguntar: dentre o que é partilhado por seus membros, o que explica a relativa abundância de comunicação profissional e a relativa unanimidade de julgamentos profissionais?”. A resposta à questão levantada está na noção de “matriz disciplinar”, que agrupa, dentre outras coisas, “partes metafísicas dos paradigmas” (KUHN, 2006, 230), como assumir a linguagem como ação ou prática social e/ou a propriedade inerentemente indexical que a constitui.

**Figura 1:** Mapeamento das instituições de onde assinam os/as autores/as dos artigos



Fonte: Elaboração própria

Como ilustra o mapa expresso pela Figura 1, em trinta e uma ocasiões, os/as linguistas assinam a UFRJ como instituição onde foram realizadas as pesquisas. Aqui, a produção de Luiz Paulo da Moita Lopes volta a chamar atenção: além do papel pioneiro apontado acima, muitos dos artigos são de seus/suas orientandos/as e/ou de colegas com quem pesquisa em co-autoria. Destaca-se o Núcleo de Pesquisa em Discursos e Sociedade (NUDES), liderado por Moita Lopes, grupo vinculado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada, que discute fenômenos linguísticos diversos a partir de uma visão performativa e cujos membros – além do próprio coordenador, Adriana Lopes, Branca Fabrício, Clarissa Gonzalez, Daniel Silva, Rodrigo Borba etc. –,

também têm uma produção expressiva sobre artigos que trazem o conceito de indexicalidade e, por vezes, como centro de discussão.

Linguistas de outras instituições que anteriormente estudaram na UFRJ ou se vincularam a esta universidade como pesquisadoras pós-doutoras também produzem artigos desse tipo: Glenda Melo, da Unifran/Unirio (MELO, 2019; MELO; MOITA LOPES, 2013; 2014a; 2014b; 2015; MELO; FERREIRA, 2017); Thayse Guimarães, da UninCor (GUIMARÃES; MOITA LOPES, 2016, 2017) e Letícia Freitas, da UFPel (FREITAS; MOITA LOPES, 2017; 2019). Há, além destes casos, autores/as que compartilham o mesmo tratamento acerca da indexicalidade em outras instituições, como é possível observar recorrentemente Joana Plaza Pinto, na UFG (PINTO; 2015; 2018; 2019; PINTO; AMARAL, 2016), e Claudiana Alencar, na UECE (SILVA; ALENCAR, 2013; BONFIM; ALENCAR, 2017). Estes exemplos explicitam a amplitude de como pesquisadores/as formados/as e/ou interessados/as por linguística aplicada contemplam a propriedade indexical da linguagem de maneira evidente.

### **O protagonismo de Silverstein e a visão performativa**

Ao retomar a pesquisa prévia de Marilda Cavalcanti, Silva (2015, p. 350) sinaliza que a linguística aplicada tem uma orientação “eminente pragmática”, isto é, sustenta-se nos problemas de uso linguístico. Partindo-se desse pressuposto, o mapeamento desenhado na Figura 1 não indica apenas uma divisão de natureza institucional, mas sobretudo como campos designados como linguística aplicada e pragmática fundem-se, e é essa fusão que permite analisar os usos ancorados na ideia de ação e de prática social. Pesquisadores/as de diferentes instituições, sejam formados em programas de pós-graduação de linguística aplicada ou de linguística voltados à pesquisa em pragmática, compartilham conhecimento no interior de sua comunidade científica e, gradativamente, as discussões em torno dos usos e dos usuários passam a encontrar no conceito de indexicalidade respostas, reflexões e releituras diante de problemas levantados em determinado estudo.

Os problemas traduzem-se na regularidade de temas constantes, com destaque às questões identitárias, principalmente raça, gênero e sexualidade, foco de 28 dos 49 artigos (≈ 57,15%). Nesses trabalhos, encontra-se o que pode ser chamado de estudos de performance, que, nas palavras de Bauman e Briggs (2006, p. 216), “testa[m] as próprias concepções de linguagem e [a] própria prática acadêmica, ao buscar compreender o papel da linguagem e da poética na vida social das culturas do mundo”. Além dos estudos sobre identidade, também chama a atenção pesquisas sobre fenômenos linguísticos tendo como base fluxos migratórios, interação em ambiente digital, grafocentrismo e letramento, representação de corpos e construção de ideologias linguísticas. Novamente, em alguma medida, tais temas deparam-se com a visão performativa, uma vez que todos questionam “interaç[ões] complexa[s] e heterogênea[s] na construção da realidade” (BAUMAN; BRIGGS, 2006, p. 195).

Acerca das metodologias, as mais recorrentes são pesquisas etnográficas ou estudos de caso, adotados em 23 artigos (≈ 46,99%), e etnografias exclusivamente digitais, em 11 artigos (≈ 22,45%). Vale lembrar que, assim como as questões temáticas, as decisões metodológicas não são únicas nem isoladas. Há artigos como o de Signorini e Cavalcanti (2010) e Signorini (2017), que discutem principalmente a mudança das práticas linguísticas em decorrência da evolução tecnológica e, para tanto, mesclam pesquisa bibliográfica com estudo de caso; o mesmo ocorre em Silva e Alencar (2013), ao debaterem o problema da “violência linguística”, e em Lopes et al (2017), quando procuram definir o que se entende por “letramentos de sobrevivência”.

Como exposto até aqui, o conceito de indexicalidade obteve seu espaço na linguística brasileira em pesquisas de linguística aplicada, pragmática e áreas afins e passou a aparecer com mais destaque nos últimos quatro anos do período pré-selecionado. A maioria recorre à definição dada por Michael Silverstein, sendo que 28 deles (≈ 57,15%) fazem referência direta ao artigo *Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life*, de 2003, parâmetro para recorte temporal desta pesquisa. Além disso, alguns dos textos que não o incluem nas referências citam outras produções de Silverstein e interpretações que advêm de sua teoria.

Embora a citação a Silverstein (2003) seja a predominante, os primeiros trabalhos ancoram-se em uma de suas interpretações: a noção de “pistas indexicais”, elaborada por Wortham (2001). Essa visão, já trazida em Moita Lopes (2009), é uma adaptação do conceito de “pistas de contextualização”, conforme designado por Gumperz (1992). Baseado na postura dialógica bakhtiniana e interessado em apreender os posicionamentos dos sujeitos em determinada “narrativa-em-ação”<sup>9</sup>, cinco pistas são assinaladas para analisar como as situações interacionais se constituem: “predicação e referência; citação; índices avaliativos; modalidade epistêmica e descritores metapragmáticos”<sup>10</sup> (WORTHAM, 2001, p. 73-74). Muitos dos trabalhos de Moita Lopes, que são maioria no *corpus*, baseiam-se nessas cinco categorias para indicar quais pistas indexicais foram encontradas na pesquisa e o que elas apontam.

Em Silva e Alencar (2013, p. 135), encontra-se a primeira referência ao pensamento de Silverstein (2003), quando consideram que “toda forma linguística refere-se tanto às condições envolventes de sua própria produção quanto à ordem macrosocial maior”. A partir daí, os demais artigos trazem-no de forma quase unânime e, cada vez mais, com maior protagonismo teórico. Melo e Moita Lopes (2014, p. 661) ampliam essa visão tornando explícito que “índices linguísticos [são] marcas linguísticas que sinalizam as ações semióticas dos participantes na interação”. A máxima de que “todo uso linguístico é indexical”, como aparece em Bonfim e Alencar (2017, p. 33), permeia todos os artigos encontrados e, a partir dela, os autores dão ênfase a outros aspectos, como ao nexos pragmática-metapragmática e à relação micro-macrocontextual.

A dialética pragmática-metapragmática, que organiza o funcionamento dos signos a partir do movimento de pressuposição e implicação indexical (SILVERSTEIN, 2003, p. 173), é resumida por Silva (2014, p. 74) da seguinte forma: “A pragmática *projeta*. A metapragmática *modela*”. O caráter indexical surge, dessa maneira, das indissociáveis funções pragmática e metapragmática: esta ordena, pressupõe e implica as formas de ancoragem; aquela ancora efetivamente a linguagem no mundo. Pinto (2019) amplia a discussão em torno do processo micro-macro ao ilustrar o esquema microcontextual da indexicalidade expresso por Silverstein (2003, p. 195), trazendo à tona como ideologias constituem(-se em) metapragmáticas no decorrer do espaço-tempo, ou nas próprias palavras do autor:

o fator de mediação entre a pressuposição e a implicação pragmática é a *função metapragmática* [...] os princípios reguladores de agrupamento e coerência dos signos em que dinamicamente o contexto tem uma estrutura pressuposta [compõem] um evento compreensível em determinado gênero [*genre*]. Essa função metapragmática é frequentemente acompanhada pela maneira como os atores fazem uso denotacional do *discurso metapragmático*, que torna o

<sup>9</sup> No original: “narrative-in-action”, tradução de nossa responsabilidade.

<sup>10</sup> No original: “reference and predication; quotation; evaluative indexicals; epistemic modalisation and metapragmatic descriptors”, tradução de nossa responsabilidade.

contexto potencialmente pressuposto mais transparente<sup>11</sup>. (SILVERSTEIN, 2003, p. 196)

A compreensão em torno de como elementos do contexto são dispostos em determinada situação interacional, ponto central de interesse de linguistas aqui citados, apoia-se na definição de metapragmática acima expressa. Essa questão retorna em Povinelli (2016) e é recuperada por estudos brasileiros, como o de Pinto e Amaral (2016, p. 154), que assinala a “diferença semiótica, linguística e corporal” como articuladoras de marcas sociais explicitadas pela indexicalidade. Com isso, a propriedade indexical da linguagem compreende também os processos de subjetividade e identidade e confere à vida corporificada uma importância analítica.

A leitura de Blommaert (2010) da teoria de Silverstein (2003) também é recebida com bastante destaque nos estudos linguísticos brasileiros. A distinção entre ordem indexical e ordem de indexicalidade, e esta última, em específico, é tratada de forma extensa em Melo e Ferreira (2017), Tanzi Neto e Oliveira (2018) e Freitas e Moita Lopes (2019). Neles, assume-se o impacto de recursos móveis de redes, fluxos e movimentos linguísticos decorrentes do mundo pós-moderno, em que sujeitos são “conectados por laços materiais e simbólicos de maneiras muitas vezes imprevisíveis” (BLOMMAERT, 2010, p. 1), e esse complexo cenário sociolinguístico mobiliza tipos de prática e semioses de acordo com regras de acesso, regulamentação e circulação. A discussão centraliza-se, portanto, em depreender que tipos de valores culturais são trazidos no processo de indexicalização, e, como consequência, que papéis sociais são ocupados na vida cotidiana e globalizada.

Outra referência de destaque e recorrente advém de um estudo brasileiro: da apresentação de Signorini (2008) de “indexicalidade semiótica”. Em seu capítulo, a autora considera as propriedades reflexiva e indexical da linguagem como fundamentais para entender o funcionamento das formas linguísticas e como padrões de diferenciação e hierarquização atuam sobre elas. Alguns dos artigos selecionados preferem trazer o conceito de indexicalidade tendo o seguinte panorama:

é [...] o que permite o funcionamento conjunto dos três planos inter-relacionados: o gramatical das formas do sistema linguístico, o pragmático das formas em uso (ou seja, em co[n]texto) e o metapragmático das relações de 'coexistência dinâmica' entre as formas linguísticas enquanto formas indiciais e o que elas indexam no campo social, ou seja, no contexto mais amplo que o imediato da situação de fala. (SIGNORINI, 2008, p. 139)

A noção trazida nesse excerto está diretamente relacionada à perspectiva delimitada por Silverstein (2003), citado como um dos pesquisadores que “têm buscado descrever o funcionamento dessa propriedade reflexiva da língua em uso em suas relações com as capacidades metalinguística e metacomunicativa dos falantes na produção de sentidos na interação social” (SIGNORINI, 2008, p. 136). Percebe-se, assim, mais um

<sup>11</sup> No original: “the mediating factor between pragmatic presupposition and pragmatic entailment is *metapragmatic function* [...] the regimenting principles of chunking and coherence in terms of which dynamically developing context has any presupposable structure at all as part of an event undestable with respect to genred type. This metapragmatic or regimenting function is frequently aided by the way interactants make use of denotationally explicit *metapragmatic discourse* that renders potentially presupposable context more transparent”, tradução de nossa responsabilidade.

trabalho pioneiro de Signorini nesse campo da linguística brasileira, posição influente para uma série de estudos seguintes, como os de Bonfim e Alencar (2017) e Dias (2019). Este capítulo também elucidada a teoria semiótica de Peirce (2005), base para a noção de indexicalidade utilizada nos estudos socioantropológicos da linguagem, pautados em contextos linguístico-discursivos situados no espaço-tempo.

Seja Silverstein (2003), seja a leitura de Wortham (2001), Povinelli (2016), Blommaert (2010) ou Signorini (2008), percebe-se que o conceito de indexicalidade e suas variações são fundamentados inicialmente no escopo da antropologia da linguagem. Fica evidente, portanto, que a visão performativa da linguagem, impulsionada por Austin (1990), ao considerar a realização dos atos de fala, passa a priorizar o usuário e, assim, não há como eliminar a vida social da análise linguística e as circunstâncias contextuais apreendidas em determinado uso.

### Para além das fronteiras disciplinares

A noção de indexicalidade, no entanto, não se isola apenas nos estudos pragmáticos, nos estudos de performance ou nas pesquisas em linguística aplicada, áreas disciplinares, por si, fluidas e mescladas. Há cinco artigos no *corpus* que são resultado de pesquisas em sociolinguística variacionista: Battisti e Oliveira (2016), Camacho e Salomão-Conchalo (2016), Carvalho e Almeida (2017), Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) e Oushiro (2019). Todos estes casos compartilham o interesse em analisar a percepção de ouvintes a partir de diferentes variáveis que constituem o quadro estilístico de determinada comunidade de fala, como a centralização vocálica, a realização do /R/ em posição de coda silábica e itens lexicais do mesmo universo semântico. Especificamente, em Oushiro (2019), a proposta torna-se ainda mais ambiciosa: as regularidades observadas em torno das variáveis são organizadas em um método computacional que agrupa os significados potenciais a partir das percepções.

Como é particular no campo da sociolinguística variacionista, os materiais empíricos construídos passam por um modelo estatístico de interpretação e, a partir dos valores numéricos, fazem-se inferências e associações entre perfis sociais e formas linguísticas. Para tal exercício, os cinco trabalhos citados partem da ideia de “campo indexical” segundo a proposição de Eckert (2008), baseada em Silverstein (2003). Nas palavras da autora,

os significados das variáveis não são precisos ou fixos, mas constituem um campo de potenciais avaliações - um *campo indexical*, ou constelação de significados ideologicamente relacionados, qualquer um dos quais pode ser ativado no uso situado da variável. O campo é fluido, e a cada nova ativação o potencial modifica-se com base em conexões ideológicas.<sup>12</sup> (ECKERT, 2008, p. 454)

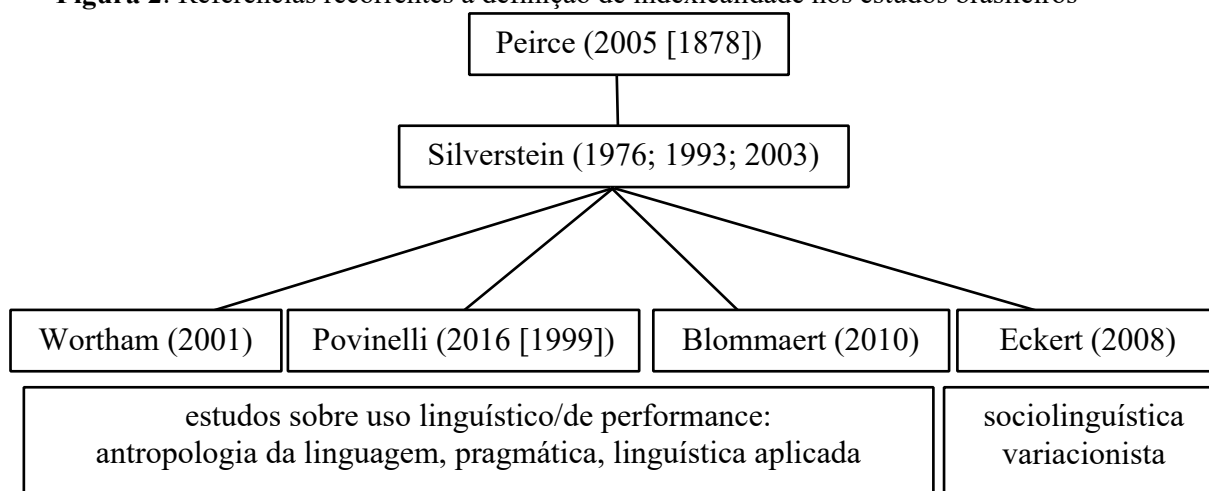
Por fim, um caso particular ocorre no estudo de Lima (2018). As noções de indicialidade social e de *frames* são aproximadas dentro de um estudo de caso que se sustenta teoricamente na perspectiva sociocognitiva e na semântica de *frames*. A

<sup>12</sup> No original: “the meanings of variables are not precise or fixed but rather constitute a field of potential meanings - an indexical field, or constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable. The field is fluid, and each new activation has the potential to change the field by building on ideological connections”, tradução de nossa responsabilidade.

definição ora proposta por Silverstein (2003) é moldada a partir da conexão entre formas linguísticas e estruturas cognitivas, expressa sob a ideia de *frame*, mobilizado em determinada situação interacional. Este artigo, portanto, considera a propriedade indexical como mediada e ativada sob inferências socioculturais de natureza cognitiva.

Conforme explicitado nesta subseção, o conceito de indexicalidade demonstra-se produtivo para análise em diversos outros campos disciplinares além da antropologia da linguagem, de onde surge a teoria de Silverstein (2003), e além da linguística aplicada, da pragmática e dos estudos de performance, de onde se percebe a maior abertura de discussão no cenário brasileiro. Considerar a propriedade indexical da linguagem, bem como a expressão desse caráter nos signos – de apontar para contextos –, permite aos/às linguistas questionar sua definição a partir de novos problemas, como a construção específica da identidade a partir de raça, gênero e sexualidade, os condicionamentos estilísticos em determinada comunidade de fala ou a operação sociocognitiva de *frames*.

**Figura 2:** Referências recorrentes à definição de indexicalidade nos estudos brasileiros



Fonte: Elaboração própria

O esquema trazido na Figura 2 sintetiza, grosso modo, quais são as principais leituras resgatadas pelos estudos brasileiros acerca da indexicalidade: a) a centralidade de Silverstein (2003), que, por sua vez, baseia-se em Peirce (2005); e b) algumas interpretações por outros/as pesquisadores/as, principalmente Wortham (2001), na apreensão de pistas semióticas; Povinelli (2016), na constituição de subjetividade e na relação entre corpos; Blommaert (2010), na discussão sobre as consequências da pós-modernidade e sobre a aceleração causada pela globalização; e Eckert (2008), na análise de variáveis sociolinguísticas em comunidades de fala definidas.

### Considerações finais

Independentemente de como se nomeiam os estudos – socioantropológicos, de performance, pragmáticos, de linguística aplicada –, percebe-se que o conceito de indexicalidade é recuperado mais amplamente por aqueles que se interessam pelo uso de linguagem. A razão para essa abertura pode ser elucidada na própria origem do termo: o trabalho teórico de Silverstein (1976; 1993; 2003) está preocupado em analisar as práticas culturais, indissociadas (e, de certa forma, indistintas) das práticas linguísticas. O pressuposto da prática, da ação e da vida social atravessa todo esse pensamento, e a

indexicalidade é definida dessa maneira como tentativa de descrever uma propriedade fundamental da linguagem: a capacidade de o signo apontar a contextos.

De modo geral, as pesquisas analisadas apresentam um compromisso com os contextos e com a vida social – com o micro e o macro –, e debatem como se dá a produção semiótica de práticas identitárias, de interações no meio digital, de trajetórias textuais em fluxos migratórios, dentre outros fenômenos que interessam aos estudos de performance. Assim, teorias além de Silverstein, mas baseadas em seu pensamento, são resgatadas de modo complementar, como as cinco pistas semióticas de Wortham (2001), o destaque à subjetividade e ao corpo dado por Povinelli (2016) e a complexidade das interações no mundo globalizado, como assinalado por Blommaert (2010).

As pesquisas sobre uso linguístico, porém, não são as únicas que trazem o termo para discussão. Outras comunidades científicas encontram na noção de indexicalidade a resposta ou o complemento para lacunas teóricas de suas áreas. Na sociolinguística variacionista, Eckert (2008) desenvolve o conceito de campo indexical para designar o espaço das potencialidades significativas de formas linguísticas por meio da percepção de ouvintes. Esta e as demais interpretações do conceito ilustram a evolução constante do conhecimento científico, nos termos de Kuhn (2005), ou seja, uma comunidade de especialistas partilha teorias e conceitos, mas sempre os coloca em validação, procurando responder aos (novos) problemas que surgem.

## Agradecimentos

Agradeço à orientação da Profa. Joana Plaza Pinto (UFG), pelo direcionamento de textos e pelo acompanhamento durante a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, quando foi realizada esta pesquisa, à leitura crítica do Prof. André Marques do Nascimento (UFG) e à avaliação dos/as pareceristas do artigo.

## Referências

- ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer. Palavras e ação**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Tradução: Vânia Z. Cardoso; Revisão: Luciana Hartmann. **Ilha**, Florianópolis, v. 8, p. 185-228, 2006.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.
- GUMPERZ, John. Contextualization and understanding. In: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles (ed.). **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- HANKS, William. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2006.



- LEVINSON, Stephen. Deixis and pragmatics. In: HORN, Laurence; WARD, Gregory (ed.). **The handbook of Pragmatics**. Hoboken: Blackwell Publishing Limited, 2006.
- MUNIZ, Kassandra. Ainda sobre a possibilidade de uma linguística crítica: performatividade, política e identificação racial no Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 767-786, 2016.
- OTTONI, Paulo. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PINTO, Joana Plaza. Sobre manhãs, humor e atos de fala. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 647-567, 2016.
- POVINELLI, Elizabeth A. Pragmáticas íntimas: linguagem, subjetividade e gênero. Tradução: Joana Plaza Pinto. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, p. 205-237, 2016.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Os caminhos da Pragmática no Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 15, número especial, p. 323-338, 1999.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Sobre a especificidade da pesquisa no campo da Pragmática. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 89-97, 2002.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SECAF, Victoria. **Artigo científico: do desafio à conquista**. São Paulo: Green Forest do Brasil, 2004.
- SIGNORINI, Inês. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: SIGNORINI, Inês. (org.). **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 117-147.
- SILVA, Daniel. 'A propósito de Linguística Aplicada' 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, número especial, p. 349-376, 2015.
- SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, p. 193-229, 2003.
- SILVERSTEIN, Michael. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, John (ed.). **Reflexive language, reported speech and metapragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- SILVERSTEIN, Michael. Shifters, linguistic categories and cultural description. In: KASSO, Keith; SHELBY, Henry. **Meaning in anthropology**. Albuquerque: University of New Mexico Press. 1976.
- WORTHAM, Stanton. **Narratives in action**. New York: Teacher College Press, 2001.

## Referências do *corpus* de análise

- BATTISTI, Elisa; OLIVEIRA, Samuel. Significados sociais do ingliding de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 14-29, 2016.
- BONFANTE, Gleiton. A língua deles no meu corpo: o autoetnógrafo como corpo-experenciador da linguagem e do campo. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 150-167, 2018.
- BONFIM, Marco; ALENCAR, Claudiana. Trajetórias textuais, indexicalidade e recontextualizações de resistência no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 27-44, 2017.
- BORBA, Rodrigo. Receita para se tornar um “transexual verdadeiro”: discurso, interação e (des)identificação no processo transexualizador. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 1, p. 33-75, 2016.
- CAMACHO, Roberto; SALOMÃO-CONCHALO, Mircia. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, 2016.
- CAVALCANTI, Marilda. O pós-ápice da migração haitiana no país em notícia recortada em portal de notícias: algumas notas sobre escolhas epistemológicas. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 1-22, 2019.
- CARVALHO, Dannel; ALMEIDA, Rafael. Autopercepção e identidade linguística em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 7, n. 21, p. 82-98, 2017.
- CRUZ, Leonardo. Construções de latinidade e ideologias linguísticas na internet. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, p. 27-45, 2017.
- DIAS, Ana Luiza. A metapragmática como conceito útil à análise linguística. **Caletrosópio**, Ouro Preto, v. 7, n. 2, p. 171-185, 2019.
- FABRÍCIO, Branca; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Transidiomaticity and transperformances in Brazilian queer rap: toward an abject aesthetics. **Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 48, p. 136-159, 2019.
- FREITAG, Raquel; CARDOSO, Paloma; PINHEIRO, Bruno. Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos. **Gragoatá**, Niterói, v. 23, n. 46, p. 654-678, 2018.
- FREITAS, Letícia; MOITA LOPES, Luiz Paulo. “Sobre feminismo, sobre racismo, sobre xenofobia, sobre tudo”: desequilíbrios narrativos em performances heterossexuais de um aluno migrante branco. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 15, n. 2, p. 305-316, 2017.
- FREITAS, Letícia; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 147-172, 2019.
- GONZALEZ, Clarissa; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Performance narrativa multimodal de Agrado em Tudo sobre minha mãe: desarticulando a autenticidade de gênero. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 679-708, 2016.
- GONZALEZ, Clarissa; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Reflexividade metapragmática sobre o cinema de Almodóvar numa interação online: indexicalidade, escalas e entextualização. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 2, p. 1102-1136, 2018.

- GUIMARÃES, Thyse; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Entextualizações estratégicas: performances sensualizadas de raça em práticas discursivas na Web 2.0. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 16, n. 2, p. 289-307, 2016.
- GUIMARÃES, Thyse; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. **Alfa**, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 11-33, 2017.
- LIMA, Rafahel. Frames em interação e indicialidade social de gênero em entrevistas com Laerte Coutinho. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 22, n. 2, p. 37-57, 2018.
- LOPES, Adriana et al. Desregulamentando dicotomias: transletramentos, sobrevivências, nascimentos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 3, p. 753-780, 2017.
- MAGALHÃES, Izabel. Recontextualizações no discurso da estratégia de saúde da família. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 176-197, 2015.
- MAGALHÃES, Izabel. Protagonismo da linguagem: textos como agentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 575-598, 2017.
- MELO, Glenda; MOITA LOPES, Luiz Paulo. As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros no Orkut. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 237-265, 2013.
- MELO, Glenda; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 653-673, 2014a.
- MELO, Glenda; MOITA LOPES, Luiz Paulo. A performance narrativa de uma blogueira: tornando-se preta em um segundo nascimento. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 541-569, 2014b.
- MELO, Glenda; MOITA LOPES, Luiz Paulo. “Você é uma morena muito bonita”: a trajetória textual de um elogio que fere. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 54, n. 1, p. 53-78, 2015.
- MELO, Glenda; FERREIRA, Juliana. As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 405-426, 2017.
- MELO, Glenda. Slave trade ads in the 19th century: textual trajectory, entextualization and indexical orders mobilized on contemporary ads. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 19, n. 4, p. 871-900, 2019.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 129-157, 2009.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo; FABRÍCIO, Branca. Viagem textual pelo Sul global: ideologias linguísticas queer e metapragmáticas translocais. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 3, p. 769-784, 2018.
- OLIVEIRA, Hélio. Indivíduos do sexo masculino no curso de Letras: performances discursivas, gênero e profissão docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 552-569, 2016.
- OUSHIRO, Livia. A computational approach for modeling the indexical field. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019.
- PEREIRA, Valéria. Posicionamentos interacionais de sexualidade e de gênero: o caso de um blog de alunas/os de um instituto federal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 503-524, 2016.

- PINTO, Joana Plaza. De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na Linguística Aplicada. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, número especial, p. 199-221, 2015.
- PINTO, Joana Plaza. Corpo como contexto-de-ocorrência de metapragmáticas sobre o português em socializações de estudantes migrantes para o Brasil. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 3, p. 751-768, 2018.
- PINTO, Joana Plaza. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 31, p. 221-236, 2019.
- PINTO, Joana Plaza; AMARAL, Daniella. Corpos em trânsito e trajetórias textuais. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 151-164, 2016.
- PONTES, Herimatéia. A indexicalidade na construção discursiva de identidades sociais. **Revista do GELNE**, Natal, v. 11, n. 1, p. 27-40, 2009.
- SANQUE, Douglas. “A polícia que reprime na avenida é a mesma que mata na favela”: batalhas semióticas sobre violência policial nas favelas do Rio de Janeiro. **Revista de Letras Dom Alberto**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 7, p. 59-80, 2015.
- SENA, José. Entextualização, indexicalidade e a produção discursiva do cuidado à saúde LGBTI+ no interior da Amazônia Oriental. **Revista Ribanceira**, Belém, v. 15, p. 4-19, 2018.
- SIGNORINI, Inês. Nivelando “por cima” as variedades do francês canadense linguístico. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 64-80, 2002.
- SIGNORINI, Inês. Metapragmáticas da redação científica de alto impacto. **Revista do GEL**, Natal, v. 14, n. 3, p. 59-85, 2017.
- SIGNORINI, Inês. Por que o estudo das interfaces do português contemporâneo é relevante para o campo aplicado dos estudos da língua(gem). **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 3, p. 665-672, 2018.
- SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. Língua, linguagem e mediação tecnológica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 419-440, 2010.
- SILVA, Daniel; ALENCAR, Claudiana. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 129-146, 2013.
- SILVA, Daniel. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 14, n. 1, p. 67-84, 2014.
- SILVA, Daniel; LOPES, Adriana. “Yo hablo un perfecto portuñol”: indexicalidade, ideologia linguística e desafios da fronteira a políticas linguísticas uniformizadoras. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 17, p. 144-181, 2018.
- SILVA, Danillo. O dispositivo da colonialidade de gênero no discurso transfóbico online. **Raído**, Dourados, v. 13, n. 33, p. 28-54, 2019.
- SOARES, Mariana; SALGADO, Ana Claudia. “As janelas vitrais do século XXI” em meio ambientes sociolinguísticos cada vez mais complexos: as pichações e os grafites na cidade de Juiz de Fora (MG). **Revista do GELNE**, Natal, v. 18, n. 1, p. 51-69, 2017.
- TANZI NETO, Adolfo; OLIVEIRA, Grassinete. Translocalidade, repertórios e indexicalidade: efeitos constitutivos do discurso contemporâneo em espaços digitais superdiversos. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 38, p.46-68, 2018.

*Submetido em 28 de setembro de 2021.*

*Aprovado em 30 de novembro de 2021.*